



Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo *

Director: Padre Luiz



Aqui, Lisboa!

Os Direitos do Garoto da Rua

«Tantas vezes tenho aqui gritado, mas como é mais fácil e muito mais cómodo tomar o grito por brincadeira do que acudir a ele, tu continuas bailando, rindo, ocupado como andas na trivialidade, nas devoções, no não-te-rales, enquanto a Criança definha e troca a graça pela tristeza; como se o pecado de omissão não tivesse a mesma gravidade que tem o pecado de comissão!»

Pai Américo

Sim. Pai Américo gritou ao longo de anos nestas páginas, nos púlpitos, nos cinemas, nas praias, nos gabinetes; e não só. Mas os homens grandes do seu tempo fizeram ouvidos moucos ao grito de sofrimento e revolta. O seu egoísmo e despotismo condenaram legiões de semelhantes à miséria e à morte lenta do sub-desenvolvimento: as Crianças abandonadas e da rua; os Pobres, sem-tecto, sem-pão, sem-amparo-e-assistência, os envergonhados; os Doentes incuráveis e sem recursos, sem cama em casa e nos hospitais; os desprezados da terceira idade, os «Mártires e Santos» dos barredos e ilhas e tugúrios; os Trabalhadores escravizados e mal pagos ou sem trabalho; em suma, os Marginalizados.

Pregou Cristo Crucificado nestes Irmãos e a ressurreição que todos lhes devemos. Gritou aos homens a tortura existencial que continuavam a dar a outros homens.

Fizeram ouvidos moucos — como no tempo de Jesus de

Nazaré. Fora os Humildes, os homens continuam moucos até hoje!

Queria também gritar aos cidadãos deste País, nesta hora de Revolução, que é tempo de refrearem tanto falar em oprimidos e opressores; sim, de trabalharmos e lutarmos para que uns e outros limpem páginas de História triste, escrevam a História do Portugal que deseja renascer.

Quantos tópicos de reflexão para esse programa nos não deixou Pai Américo, a respeito dos direitos primeiros entre os

primeiros, na linha duma Revolução que seja autêntica conversão: os direitos do Homem de amanhã, os direitos da Criança! Quantas linhas mestras, prioritárias, que têm de ser seguidas, respeitadas! Muitas das quais solenemente proclamadas depois — noutras formas de dizer — pelas Nações Unidas, em 1959, e também quase omitidas no mundo actual!

São denúncia que fazemos pela «consideração dos direi-

Cont. na QUARTA pág.

A Escola

O divórcio Escola-Família não serve a ninguém. Tudo anda «à balda», como se diz por aqui. Disciplinas e disciplinas de que ainda não houve a primeira aula. Não se se serão necessárias, se não...; mas presumo que devem ser. Como se fará depois? Cursos intensivos?... Aulas para além do tempo escolar?... Se se trata de anos finais de curso, como vão prosseguir os estudantes sem elas? Se de final de ciclo ou de anos primeiros, serão os cursos intensivos o mais proporcionado aos níveis etários normais em tais anos?

Faltas, eis um outro capítulo. Parece que não são causa de perda de ano, embora contem para a classificação do aluno. Pois têm mesmo de contar! Na Escola Primária, de Ciclo e Secundária, a lição e acompanhamento do professor ao elementos imprescindíveis à preparação do aluno. Mas se a falta não conta, é uma tentação a que o aluno está sujeito e que os acasos do dia-a-dia multiplicam. O próprio facto dos tempos vazios correspondentes às disciplinas que ainda não funcionam, vai enraizando um hábito mau que prolifera fácil, como a erva ruim, e dificulta depois o aguentar do horário cheio. E assim se inventam razões para faltar.

Em casa não se sabe se não quando o caso é já catástrofe e nos avisam; ou surge qualquer acontecimento que levanta dúvidas — a menos que a Família possa andar sobre a Escola na busca constante de informação.

Outro capítulo é a falta de respeito de alunos a professores que, de tão vulgar, até já não impele a Escola à colaboração da Família, a não ser em casos extremos que excedem toda a medida possível de aceitar. Mas esta medida anda por tais alturas que cabem nela atrevimentos insuspeitáveis ainda há bem pouco tempo.

É uma demissão da Escola docente que não aproveita à instrução da discente, para não falarmos já do papel educador que obviamente lhe cabe e não cumpre.

Segue na TERCEIRA página

As nossas Edições

Quem resiste?! Seria pecado de omissão deixar de falar das nossas edições. Pelo bem que produzem nas almas e porque deixariam de motivar Leitores que, por moleza, jamais viriam ao encontro das obras de Pai Américo. E não só.

Uma ressonância de algures:

«(...) Em relação ao que ficar da quantia que envio, agradeço retirem o que julgarem possível para as despesas do meu exemplar de «O LODO E AS ESTRELAS». Mil desculpas pelo atraso, mas infelizmente (ou será felizmente?) a minha vida — como a de tantos outros portugueses... — tem sofrido alguns sobressaltos nos últi-

mos tempos e, infelizmente (agora, sim!) nós, os instalados, os «homens de pouca fé», vemos a barca balançar e já nos julgamos naufragados! «O LODO E AS ESTRELAS» é um espantoso documento contra a auto-suficiência dos homens e um dramático apelo ao Amor e à verdadeira luta, que não é de classes nem de outra espécie qualquer, mas só e apenas no íntimo de cada homem contra o mal que em si mesmo habita. Mal que não é mais que a recusa desse próprio Amor; tão fácil!...»

Outra presença; Lisboa:

«(...) Quanto aos livros e também ao jornal, o bem que

eles fazem a quem, os lê é inapagável e incomensurável. Procuro emprestá-los e aconselhá-los, pois eles espalham a Doutrina do Mestre, a doutrina do Amor.

(...) Agradeço o vosso jornal, os vossos livros e toda a Obra do Gaiato que desde criança, quando conheci o Padre Américo, me enche a alma e ajuda a ser melhor mulher, esposa e mãe...»

Quem resiste?!

A expedição de alguns pedidos de «O LODO E AS ESTRELAS», recebidos durante a quinzena, emperrou um nadita, com

Cont. na TERCEIRA pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

DESIGUALDADES — Há dias, comentando grupos de pressão, ouvimos da boca de um responsável pelo Terreiro do Paço que os Pobres têm sido preteridos materialmente — e moralmente, acrescentamos — em benefício de aristocracias pseudo-revolucionárias.

Entretanto, a cúpula da pirâmide faz agora uma auto-crítica salutar, a propósito das «profundas desigualdades que se vão acentuando entre os vários sectores sócio-profissionais da população».

Até que enfim!

Já o temos dito, e continuamos a repetir, com a prática de muitos anos ao serviço dos Pobres: não são estes os que mais reclamam, nem tão pouco beneficiaram ainda concretamente! Contradições no processo? Talvez. Mas gravíssimas contradições no essencial!

Os Pobres sofrem cada vez mais em silêncio. Em silêncio (E, com as dificuldades conjuntivas, ditas normais com o que não concordamos, emergem ainda novos Pobres... — milhares!) Marginalizados por uma aristocracia, parte da qual esqueceu horas amargas, infelizmente; servindo-se deles, Pobres, só como cartaz para alienar as massas!!

Vamos ao concreto da nossa acção no meio rural:

Que dizer dos *reformados* da Lavoura sem outros proventos além de uma mísera pensão? Que dizer das suas mulheres, idosas, e discriminadas porque os maridos á recebem a sua pensão... de fome? Que dizer dos sinistrados e incapacitados? Se uns beneficiam pouco, outros jamais receberam cheta de parte alguma. Vidas arrastadas! Que dizer das Trabalhadoras domésticas, idosas, vítimas da solidão familiar e comunitária, sim, mas sem nada de nada de ninguém? Que dizer das viúvas que esperam, há mais de um ano, pacientemente, a pensão de sobrevivência conforme decisão publicada no «Diário do Governo»? E mais e mais — diria Pai Américo.

Ora nós, que colhemos diariamente muitas lições dos Pobres, sabemos perfeitamente que ninguém poderia ter a petulância de resolver com uma varinha mágica de momento, os problemas de gerações, acumulados por carências e toda a ordem e a vários níveis humanos e materiais. E, porque vivemos em situação crítica, que nos existe, nunca se fez — porque não haveria coragem para isso? — um inquérito nacional e regionalizado dos Marginais deste País. Seria imprescindível para um planeamento de soluções eficazes, a curto e a longo prazos; enquadrado, é evidente, na justiça distributiva de cariz evangélico. E, já agora, dada a escassez de meios, erro gravíssimo seria desaproveitar, no serviço de recolha de dados e escolha de soluções, milhares de activos voluntários do serviço social espalhados por País fora e

respectivas obras onde actuam; os quais, apesar da demagogia reinante, jamais largaram o barco de remos ao sabor da corrente. Sabendo, como sabem, que se cada um fizesse um pouco do muito que há a fazer — «cada freguesia cuide dos seus Pobres», advertiu Pai Américo — o mal seria menor na totalidade.

Claro, isto briga com o sonho dos profetas! Há uns anos atrás, em resposta a um desses intelectuais bem nutridos, perguntámos energicamente: — Não tendo quem lhe desse a mão seria capaz de sofrer as mesmas carências dos Pobres, enquanto não houvesse uma mudança de estruturas?! Não entendeu; ou fez que não entendeu. Porque não sofre. E continuará a esquecer os Pobres, regaladamente, incoerentemente. Iamos a dizer escandalosamente.

PARTILHA — Aí vai a partilha de migalhas. Procissão discreta, é certo. Mas rica de intenções, testemunhos, desprendimentos — amor.

Logo à frente, é J. A. C. da Preza Velha, com 100\$00 em «sufrágio das almas dos meus queridos». Jamais procurámos esconder estas legendas que, em sua grandeza simples, revelam sempre muito da alma dos cristãos, mais empenhados nos Outros do que na cera ou nas flores d'ocasião.

Depois, é uma família visitante, de Lousada. Espumante d'amizade por nós e pelos Pobres. Foi um dar de mãos repleto d'alegria comunicativa! Não falando já do incentivo para que não arrefeçamos na acção. Naquele tempo, os discípulos faziam assim. E foi assim que eles difundiram a Boa Nova: estreitando laços; advertindo; abrindo caminhos novos pelo único válido — Cristo. Todos os mais são ínvios.

Mais 50\$00 de «velha Amiga» da Murtosa. Há mais de trinta anos que percorre a estrada sem alterar a sua Amizade!

Quatro vezes mais de Beatriz, de Lisboa. E o remanescente de contas, pela mão de Lucinda e Emilia, do Porto.

A assinante 30745 partilhando 350\$00, afirma: «Como o mundo seria diferente se cada um de nós olhasse com amor para os nossos Irmãos desprotegidos!»

Mais 100\$00 da assinante 28960. O mesmo de Lisboa, para distribuímos como melhor entendermos.

Esta nota, simpática, é uma delicadeza de todos. Um sinal de compreensão para a complexidade de problemas que dia-a-dia topamos; sendo, cada um, um caso diferente do outro, ainda que na aparência iguais.

Mais 500\$00 de Armamar, advertindo: «Como não quero que ponham o meu nome no jornal, pode ser de anónima ou o número de assinante de «O Gaiato». Aqui está.

A assinante 30413 arrumou contas e o acréscimo foi «para ajuda da Conferência».

Finalmente, de algures, aí vai o extracto de uma carta que não poderíamos, de forma alguma, pôr de baixo do alqueire:

«A Conferência de Paço de Sousa! É um pedido que faço todos os anos porque, sendo também vicentino, não me posso esquecer que devo a minha «conversão» e a minha subsequente entrada para a Sociedade de S. V. Paulo à leitura de «O Gaiato» e dos primeiros volumes do «Pão dos Pobres»; se não é, pois, pedir muito, meta por mim no sacq da colecta uma pequena migalha que contribua para minorar a situação de algum dos nossos Pobres.»

Retribuímos, com amizade, o forte abraço. E continuaremos na luta sem desfalecimento! Cristo vai na barca. Ele é o nosso Timoneiro.

Júlio Mendes

SETÚBAL

ENCONTRO NACIONAL DE JOVENS — Por iniciativa do Secretariado Nacional da Juventude, realizou-se em Fátima, nos dias 24 e 25 de Janeiro, um Encontro Nacional de Jovens.

Assistiram cerca de 1.700 Jovens, fazendo assim 31 representações, sendo estas de: Alenquer, Aveiro, Azambuja, Aveiras de Cima, Alcobaca, Aroos de Valdevez, Braga, Beja, Cantanhede, Coimbra, Carnide, Candosa, Dornelas do Zêzere, Évora, Estremoz, Faro, Guarda, Lisboa, Lamego, Moçambique, Peniche, Portalegre, Porto, Sintra, Sousel, Santarém, Setúbal, Vila Real, Viseu, Vendas Novas, Viana do Castelo e de outros pontos deste nosso Portugal em transformação. A diocese de Setúbal apresentou-se com onze elementos, entre os quais estavam dois elementos desta Casa do Gaiato, sendo o Domingos Barbosa e eu.

Mil e setecentos Jovens se dirigiram a Fátima. Mil e setecentos pecadores que procuram espalhar a Fé e a Religião de Cristo por dez milhões (...). Tão pouco... tão pouca gente jovem que procura seguir os passos de Cristo... Mas serão somente 1.700 os Jovens de Portugal? É certo que não! Mas também há

muito desinteresse pela Fé, pela Religião que Cristo nos veio ensinar...; há muita falta de responsabilidade, muita falta de quem viva para amar e servir. Se somos Irmãos, porque não nos tratamos como Irmãos?...

«Se alguém quiser vir após Mim, renegue-se a si próprio, tome sua cruz e siga-Me». Quem, no dia de hoje é capaz de se negar a si próprio para servir os Irmãos? Quem?

O homem de hoje é bem diferente do homem de ontem. O homem novo necessita da experiência do homem velho. Por isso, unamo-nos. «Demostremos as mãos e caminhemos para Cristo, porque é n'Ele que está a Salvação». Esta foi a conclusão que tirei deste Encontro de Jovens.

«Na alegria e no compromisso sejamos construtores da Paz.» Era o que cada um dos 1700 peregrinos trazia pregado ao peito, num pequeno impresso.

E o nosso compromisso é semear a Paz com amor, com justiça, com verdade. Semear paz com Paz. Não como infelizmente sempre se tem feito... O homem não semeia a Paz; o homem «faz» a paz com guerra, com derrame de sangue e vidas inocentes. «Faz» a paz que não é Paz. Porque a Paz semeia-se e só a aceita quem quer.

A paz que o homem «faz», não é de maneira nenhuma a Paz que Cristo nos veio dar, porque a Paz não é conquistada, mas sim oferecida e sem opressão de qualquer espécie.

Sejamos construtores da Paz. Caminhemos para Cristo, porque Ele é o único «passaporte» para a Paz. E caminhar para Cristo é darmos-nos como Irmãos, até porque todo o que procurar Cristo, terá de ser «o sal da terra e o fermento no meio da massa», porque a Paz não é fácil de ser aceite por todos. Isto porque há quem viva de egoísmos. E o egoísmo não é caminho de Paz, não é amor, não é justiça, não é fraternidade. O egoísmo é uma arma que causa a guerra e, assim, causa morte e destruição. E isso não é Paz!

É absolutamente necessário que nossas palavras se convertam em factos, porque de nada me vale estar para aqui a palavrear, se na minha

vida diária não puser em prática o que hoje prometo...

É verdade que semear a Paz por vezes se torna difícil; mas até com um simples mas sincero sorriso se pode semear e obter a Paz... E que tal se tentássemos? É um convite!

Esta foi mais uma grande oportunidade que os Jovens tiveram para melhor se encontrarem com Cristo; para melhor se poderem dar como Irmãos.

Para todos, até onde «O Gaiato» chegar, envio um forte abraço.

Inocência

*A criança tombou na estrada,
Na estrada coberta de escuridão,
Na estrada ensanguentada
P'los homens sem coração.
Porque o homem não sabe o que faz,
Porque o homem faz a guerra
Julgando semear a paz.
Porque o homem não vê
Nem nos olhos da criança
Que há inocência
Que há amor.
E o homem
Com egoísmo e maldade
Mata a última esperança
Da inocente criança.*

João Maria

LAR DE COIMBRA

VIDA COMUNITÁRIA — Começou com o novo ano um novo período escolar neste ano lectivo. No início, havia já alguns problemas que se acentuaram com a ida da Sr.ª Maria da Luz para o hospital, onde está internada desde Dezembro.

O «Salvaterra» vai cozinhando sozinho e, no que pode, o Zé Domingos dá uma ajudinha; e lá vamos tendo almoços e jantares menos maus.

Quanto a lavar a roupa, a nossa lavadeira, como só vem uma vez por semana, torna-se num grande problema. Temos nós que ser mais cuidadosos, o que, diga-se a verdade, não vem acontecendo.

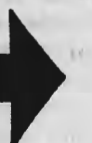
No que respeita ao aproveitamento escolar não posso dar-vos resultados muito concretos sobre o passado período; pois, como sabeis, não houve notas de fim de período. Vamos a ver no fim do ano...

REUNIÃO DE CASAIS — Reuniram-se no passado dia 18, domingo, aqui, neste Lar, um grupo de casais da cidade para fazerem um encontro relacionado com sua vida conjugal e a Igreja.

Eram nove e meia da manhã quando começaram a chegar. As dez é pouco já havia um bom número de automóveis à nossa porta. Ao meio-dia e tal celebraram connosco a Missa na nossa Capela e como esta é um pouco apertada abrimos a porta



Setúbal — O artista e a máquina: Américo Correia e a offset.



TRIBUNA DE COIMBRA

As festas de Natal são sempre partilhadas com e por todos aqueles que se unem a nós. A festa espiritual é profundamente marcada pelo amor humano de todos aqueles que aparecem.

Cartas do Estoril a recomendar intenções no Altar; 1.000\$ de Amiga que fomos visitar; 500\$ em vale da Figueira da Foz, dum dos nossos que não víamos há meses; 490\$ duma funcionária dos CTT; 47\$50 de visitantes; 100\$ dum pároco; 500\$ de sacerdote que passou; 320\$ de familiares; os 200\$ mensais de anónima de Miranda; 100\$ de «priminhos» de Mação e 200\$ no Natal; as prestações mensais de 100\$ e de 20\$ a vendedor; várias vezes 500\$ no seu estabelecimento; 100\$ pelas almas; 200\$ a pedir por alguém querido; 200\$ de prestações dum voto

feito na nossa casa da Praia de Mira; 500\$ do pai de um que foi nosso.

Quinhentos de promessa; 100\$ de Sintra por alma da Mãe; 1.000\$ de sacerdote; 500\$ de outro; 1.000\$ de Amigo da Barreira de Leiria; 100\$, mais 50\$, mais 50\$, mais 500\$, numa Ultra; 100\$ de uma alma; 200\$ e muitos mimos na minha aldeia; 200\$ de serviço religioso; as ofertas mensais da Covilhã pela mãe Ama; a visita do tio Zé de Fátima; 200\$ e roupas de visitantes; muitos embrulhos de roupas e calçado de Tomar, Leiria, Castelo Branco, Covilhã e outras terras.

Muitos mimos que rodeiam os nossos vendedores de «O Gaiato» em todas as terras onde eles vão. Eles levam uma mensagem de amor e trazem mensagens de ternura. Mil dum das famílias que Pai Amé-

rico encontrou na primeira hora; 150\$ numa visita; 100\$ em carta; 1.000\$ e roupa e a visita dum dos primeiros Amigos; 500\$ em cheque de Penela; 100\$ à mão; 100\$ em carta de Tomar; 500\$ em vale de Lisboa; 500\$ de Amiga de S. Paulo — Brasil e 1.000\$ de Amigo da mesma terra; 500\$ de amiga por aluna da Escola do Magistério; 200\$, mimos de comer, roupas e a visita; mais 500\$ e o mesmo modo; 100\$ no funeral de grande amigo que já tinha preparado o nosso Natal. Que Deus o tenha em paz e que já tenha recebido o prémio do bem que nos fez e nos quis sempre.

Cem em carta; 2.000\$ e mais 3.000\$ de anónima nossa vizinha; 100\$ em cheque; 500\$ em vale de Rovisco Pais; 500\$ e muitas prendas ao vendedor dos Empregados da C. T. dos CTT de Coimbra; os vales mensais de Vilar Formoso; 3.000\$ de par de jovens; mais 50\$; os mimos do Colégio do Menino Jesus; mais 250\$, mais 100\$, mais selos, mais 1.000\$, mais 500\$, mais 50\$, mais 1.000\$, mais tudo o que vão levar ao nosso Lar.

Todas as coisas levadas à Casa do Castelo. A Maria Teresa disse-me que «anda tudo muito depenado; diga isso no jornal». Cá estou eu a dizer. 1.000\$ e brinquedos; 1.000\$ a vendedor em Santa Cruz; 1.000\$ no seu estabelecimento; 100\$ na H. do Mondego; as amiguinhas Maria Helena e Maria Isabel nunca faltam; 150\$ em vale; 2.340\$ de Empregado do Banco N. U.; 2.000\$ que vieram trazer; 1.000\$ que fomos buscar a casa de senhora onde vamos muitas vezes; 100\$+200\$+100\$+50\$+20\$ à porta de Santa Cruz; 2.000\$ a vendedor a pedir por alma de Manuel; 100\$ para o Natal; 100 dólares em cheque de amiga da América; 100\$ da amiguinha da Pereira; 500\$ em cheque da Covilhã; 250\$ por familiar; 200\$+100\$ ao vendedor de Tomar; 1.500\$+500\$ pelo Pai e Avó que o Senhor levou.

de comunicação com a sala de jogos e que a torna enorme.

Depois, fomos almoçar. Da nossa parte havia um panelão de caldo verde que estava de trás-da-orelha. O segundo, foi a parte deles. Arroz à valenciana, arroz à não sei quê, mas que era muito bom e outros arrozes e batatas que deixavam a gente a chorar por mais.

Já estais com água na boca, não?

Nicolau

ENCONTRO ESPIRITUAL — Como todos os anos, este ano também não podia deixar de haver o nosso Retiro.

Embora com muitas dificuldades, em que a maior era a apanha da azeitona, conseguimos retirar-nos, digamos assim, da nossa vida material e dispersa que temos na quinta e reunimo-nos para um encontro espiritual no nosso Lar de Coimbra.

Ao Retiro veio quem quis; esta condição pôs-se logo antes de partirmos para o Lar. Mas todos nós quisemos vir; todos nós achámos que devíamos vir e que tínhamos assim mais uma oportunidade de nos tornarmos mais irmãos na nossa vida em família.

Foi um encontro cheio, em que todos quiseram escutar e aproveitar o melhor possível as palavras do Padre Adelino que já estava habituado a falar a jovens como nós.

Eramos um grupo de trinta e poucos, com a quarta-classe feita e com mais de catorze anos.

O Zé, após o jantar, vinha sempre ensaiar cânticos e também não posso deixar de citar a presença do Padre Francisco, que veio na tarde do segundo dia confessar os rapazes e dar mais coragem para encarar e resolver os problemas que surgem enquanto se é jovem.

Assim como aproveitámos a parte em que nos encontrávamos espiritualmente, também gostámos das refeições que eram melhoradas e não só, também as condições acolhedoras do nosso Lar foram aprazíveis para nós que passámos cá três dias.

Benjamim

GAROTOS DA RUA — Descia uma rua da cidade.

Em sentido contrário vinham dois miúdos da escola (pelo menos traziam a pasta às costas).

Discutiam:

— ...

— Oh pá! A minha mãe nunca me chama para casa. É bestial, deixa-me andar sempre na rua. Também o que é que eu ia fazer para casa? Este miúdo ficou-me no pensamento até ao meu lugar de destino.

E pensei. Pensei bastante... Há hoje grandes problemas relativos à Juventude. As pessoas mais maduras, por vezes, não têm relutância em admitir que as causas directas provêm delas por omissão. Mas os viciados em tabaco, droga, roubo, etc., continuam a aumentar em número.

Fazia-se há dias um programa na Televisão sobre a droga. Procurava-se esclarecer o público a respeito deste mal da sociedade que atinge mais positivamente os jovens de hoje. Se se procurassem as causas onde iriam encontrar respostas?

Eu respondo: tã-la-iam nos garotos da rua da actualidade que já não são aqueles que Pai Américo encontrou. Esses não tinham, por vezes, telhado onde se acoiatar; estes têm-no mas preferem não o ter, pois há muitas mães bestiais que não se incomodam que os meninos andem na rua. E estes, de tão habituados, já nem sabem o que poderiam fazer em sua casa.

E os pais? Terão também culpa? (Eu noto que o dito miúdo não citou o pai, mas sim a mãe. Poderá já não ter pai. Poderá ter pai que não seja pai. Mas poderá, também, ter um pai que trabalhe e que, por ser tarde e vir cansado quando regressa do trabalho, não possa atender os problemas que aos filhos dizem respeito. Este é o pai produto da sociedade de consumo actual e que ponho em dúvida se se possa ainda chamar pai.

E isto continua. Com estes garotos da rua perante os outros, para quais tentaria Pai Américo, hoje, arranjar solução?

«Lita»

Mil e muitos mimos trazidos por grupo amigo da Louçã; 500\$+200\$ dum dos nossos e seus pais; 1.000\$ e bolos-rei e a visita de velho amigo; 350\$ que fomos buscar; 100\$ em cheque; 100\$ ao vendedor da Covilhã; 1.000\$ e bolos-rei que um nosso veio trazer; outros nossos trouxeram muitos mimos e muitas prendas. É sempre uma das notas mais encantadoras das festas de Natal: eles vêm com esposa e seus filhos. 1.500\$ na Missa; 4.200\$ recolhidos pelos Bombeiros de Miranda na festa de Natal; 500\$ do Luso; o mesmo de família vizinha; 250\$ da Auto Industrial; 100\$ de Algés; 20\$ em vale; 500\$ da moça dum dos nossos; 1.100\$ em cheque de Albergaria dos Doze; 1.000\$ e prenda de Natal dum dos nossos; 1.500\$ em cheque de Odivelas.

Um dia sempre muito cheio é o domingo a seguir ao Natal em que vêm muitos amigos confraternizar connosco: confraternização espiritual, artística e corporal. O ofertório juntou 12.720\$. Cem em vale de Seia; 100\$ em vale de Pombeira; 300\$ em vale de Tomar;

uma boa oferta dum dos nossos que labutam na Alemanha; mais a visita de casais nossos com 200\$+150\$; a visita dos amigos de Tomar com seus filhos; 500\$+50\$+500\$+50\$ ao vendedor de Castelo Branco; 1.000\$ ao vendedor de Leiria; 1.000\$ de casal professor dos nossos; 700\$ em cheque, de casal de professores; 200\$ de Castelo Branco; 1.000\$ pela nossa Casa do Tojal; 1.200\$ em vale de Salão Azul; 100\$ em cheque; cheque de 5.000\$ da Confraria da Rainha Santa. Pão da Rainha Santa oferecido aos Pobres; 2.000\$ em cheque de casal amigo; 600\$ de casal que veio trazer um menino. Mil, mais 3.000\$ por alma da Tia.

Casais de Santa Maria fizeram sua reunião mensal no nosso Lar. Gostámos muito daquele encontro. Tudo muito familiar. Os filhos completam o ambiente de alegria. Gostámos que nossas Casas sejam ambiente de explosão de alegria e amor cristãos, onde todos tenham lugar e se sintam felizes.

Padre Horácio

A Escola

Cont. da PRIMEIRA pág.

Não é a primeira vez que nestas linhas desabafamos a nossa desconfiança da Escola actual e a nossa dúvida sobre se não será preferível prescindir dela. E não se apodera de nós esta angustiante interrogação apenas na perspectiva de responsáveis por dezenas de estudantes em cada Casa do Gaiato. Sentimos o problema de um Povo que paga milhões de contos para que funcione a Instituição Escolar que deveria ser condição fundamental para o seu levantamento e se vê assim ludibriado pelo precário rendimento que fatalmente colhe.

Sofremos ao longo da vida o olhar duvidoso da parte menos letrada desse Povo que a custo concebia o estudo como trabalho. Ora fala-se hoje tanto em Trabalhadores! An-

dam por aí tantos estudantes vomitando slogans em defesa e honra dos Trabalhadores, quanto longe do trabalho que lhes compete — estudar; e do esforço de convencer com factos aqueles que não tiveram essa oportunidade, de que estudar é trabalho, trabalho desgastante se levado a sério e de alto valor social se se projecta no futuro ao serviço desse Povo, do seu progresso — o único sentido profundo que agora pode ter numa óptica comunitária.

Ser estudante só porque não há mais nada que fazer; só para alicerçar melhor o futuro económico individual dos que estudam — foi sempre um conceito fraudulento; é inadmissível num País que busca caminhos de socialismo.

Não vejo, pois, que haja outro critério coerente que não seja de exigência no aproveitamento (e em tudo o que a ele conduz) e de repúdio dos que, não aproveitando, sugam inutilmente o suor de tantos que realmente trabalham.

A Escola está doente — é um facto; e não são os estudantes a principal origem do mal. Mesmo nos males que eles avolumam, eu os classificaria antes de vítimas do que de culpados. O mal vem de cima; de uma demissão generalizada em nome de teorias imaturas cuja terapêutica mais agrava do que remedeia.

Mais bom senso, mais virilidade na Escola docente — que virão a traduzir-se afinal por mais respeito dos direitos, que não de orientar-se e frutificar em dever, da parte discente.

As nossas Edições

Cont. da PRIMEIRA pág.

uma sobrecarga de trabalho no sector de acabamento da nossa oficina. Avelino já retilou: — Temos práqui mais de trinta encomendas à espera!

A coisa, porém, não tarda a ser regularizada; Veiga e Zé — mau grado as suas naturais traquinices — são pau para toda a colher.

Que esta nota de verdade não seja estorvo à vossa decisão. Se estiver interessado em qualquer volume da nossa Editorial, de «PÃO DOS POBRES» (2.º e

3.º vol.) ao «O LODO E AS ESTRELAS», o Leitor faça o favor de comunicar.

O primeiro volume de «PÃO DOS POBRES» continua em marcha normal de impressão, dentro dos nossos condicionais. Logo que esta edição de «O GAIATO» esteja em vossas mãos, haverá sete cadernos fora do prelo, o que não é nada mau! Aliás, as discretas notícias sobre a preparação da obra já provocaram a curiosidade e o interesse de muitos Leitores pela sua aquisição.

Júlio Mendes

Padre Carlos

Janela aberta

● É um pequeno empresário. Mal se distingue dos colaboradores. Tem as mãos calejadas. É Pobre. Trabalha para além das oito horas contractuais. Não falando já de noites de insónia, em consequência da actual crise económica que se repercute em cheio na pequena empresa.

No fim do exercício — doloroso — ele, que não é explorador, sentiu graves dificuldades com os aumentos salariais, etc. Foi à banca e, presurosamente, conseguiu suprir a falta.

— Vou cumprindo regularmente com os salários e a Caixa de Previdência. Mas não posso fazer entregas aos fornecedores superiores a 5%. Como vê, estou a perder o crédito na praça! As compras têm de ser a pronto pagamento. Já não podemos trabalhar pró lote...!

Para além dos dados analíticos, que desabafa com simplicidade e verdade, o mais impressionante foi o comportamento vergonhoso e desumano dos colaboradores:

— Têm-me insultado! Ando tudo desorganizado. O declínio de produtividade e de qualidade é acentuado. Não faz ideia. Uma vergonha!

Ele é calmo por temperamento. Homem de visão, poderia ir longe em benefício da economia do País.

Os míopes não entendem assim. Estará o País fadado à sangria de quadros qualificados e à incompetência de papagaios?!

Esta sangria é uma nódoa negra. Talvez o maior prejuízo do porvir. Os quadros qualificados não se formam do dia para a noite. Sabendo nós, ainda, como é precária a Formação em muitos sectores e a vários níveis!

Nós somos dos Pobres. Somos da Rua. Por isso, não nos podem ser estranhos problemas que colidam com a dignidade ou a Justiça Social de todos os homens, todos.

● Há problemas que, se o tempo nos permitisse, dariam tema para várias notas, onde transparecesse não só quanto de útil e rendível a Auto-Construção poderia desenvolver neste País — praticamente sem encargos, e com benefício para o erário público — como, sobretudo, a urgência de ser completamente

desbloqueada de uma vergonhosa cadeia de entraves.

O Estado, apesar de ser já quase rei e senhor, não pode coarctar iniciativas válidas entre os Pobres, sejam de natureza individual ou de grupo! Compete-lhe, sim, aplanar caminhos e dar oportunidades. Trabalhar com e não só para o cidadão.

No caso vertente, como toda a gente sabe, o problema da habitação enferma de velhíssimo desequilíbrio! Porque se tornou feudo de secretarias de Estado, de direcções de urbanização, de gabinetes — porque não dizê-lo? — da ganância de empresas de construção.

O feudo terá de desintegrar-se, respeitando particularidades locais e, também, apolos ou iniciativas individuais ou de grupo — como a Auto-Construção — praticamente sem incentivos de espécie alguma; e mais do que isso, bloqueada!

Concretamente: quando será revista, de uma vez para sempre, a famigerada lei dos solós, para os melos essencialmente rurais?

Se os autores ou actuals executores da lei estivessem na situação dos Auto-Construtores, sem posses para adquirir

o número completo de uma matriz de terreno inculto, sem rendibilidade agrícola; e, que, por motivos válidos, preferem erguer a moradia com uma certa independência, separada de um possível bairro ou bloco residencial — perguntamos: como reagiriam os autores ou executores da lei?

Um Trabalhador anda nestas circunstâncias há dois anos, em prospecção enervante na sua zona residencial. Já poderia, entretanto, ter erguido a sua moradia. Ou, como outros, desanimado. Ainda não perdeu a esperança! Mas quem lhe paga os prejuízos, inclusivé da inflação — quem?!

A Auto-Construção, com a falta de apolo e incentivos — agora, mais a inflação — entrou em crise nos últimos meses. Reconhecemo-lo. Em 1975, no círculo restrito da nossa acção, demos a mão a cerca de 20 Auto-Construtores, não falando já de duas ou três pequenas obras inteiramente a cargo de vicentinos. Todavia, a previsão para 1976, a nível do proletariado auto-construtor, é de acentuado declínio!

— Não! Assim não podemos construir! Está tudo cada vez mais caro...

Ainda no capítulo da lei dos solos. Um pai de família, Auto-Construtor, traçou um plano de fomento a longo prazo. Terminada a casa-mãe, adquiriu mais uns metricos para, amanhã, incentivar os filhos — motivados pelo seu exemplo. Abor-dou o louvado.

— Como o terreno ficou só com um número, o meu amigo fez mal! Amanhã, ou constrói V. ou, então, se morrer, a totalidade do prédio e as casas serão apenas para um, com tornas para os outros...

— Isso é inconcebível!

— A não ser que o terreno seja urbanizado, esclarece o louvado. Mas, neste capítulo, isso mexe com tanta burocracia que ficará afogado e desanimado.

Pedimos licença aos dois interlocutores. Entreviemos:

— Ó meu amigo, que País é o nosso?! Temos um grande deficit de moradias. Já pedimos, inclusivé, lá fora, dinheiro para construções! Porque coarct o Estado iniciativas deste e doutros pais que, a nível familiar, estão suprimindo aquilo mesmo que os responsáveis nunca encararam de frente, com eficácia?!

— Dizem que a legislação vai ser revista...

— Mas até lá, quem sofre? Os Pobres, é evidente!

P. S. — A Imprensa diária, de 3 do corrente, publica afirmações do secretário de Estado do Tesouro, na posse dos novos gestores da Banca.

Disse:

«Quanto ao crédito à aquisição da primeira habitação, está a ser ultimado um esquema que permitirá, através de razoáveis e equilibrados subsídios orçamentais, financiar estas operações por prazos e taxas que permitirão aos, mais carecidos a compra da sua casa mediante o pagamento de uma verba mensal muito próxima da do actual nível de rendas de habitação.»

Folgamos com a notícia! Compreendemos a forma sintética da afirmação, porque o esquema «está a ser ultimado». Não compreendemos — pela leitura atenta das palavras do secretário de Estado — é se o crédito é destinado só à compra e não também à construção da moradia! Seriam assim proteridos ou discriminados — uma vez mais, infelizmente — os Auto-Construtores dos meios rurais?!

Somos um País macrocéfalo! E o Terreiro do Paço é em Lisboa, onde abunda a propriedade horizontal... Pobre terceiro mundo rural!!

Júlio Mendes

O VICTOR

Antes de o buscar no Hospital de Matosinhos fui conhecer o seu habitat.

Há tempos que não experimentava na carne uma impressão tão funda de decadência humana.

Um barraco em uma bouça nas trazeiras da rua principal de Santa Cruz do Bispo. Vi muitas vezes, pior. Ali, pelo menos, bate o sol e o vento que purificam. O horrível começa à porta, cuja soleira é um monturo de lixo em putrefacção e um grande braçado de roupa suja e fedorenta.

Fui pela mão do «anjo da guarda» do Victor, que, se dali o não tem levado urgentemente para o Hospital... já não haveria Victor. Juntou-se-nos a do tasco próximo, vice-«anjo da guarda». Juntou-se mais gente.

«Ela está lá dentro» — diziam-nos as vizinhas do barraco. Ela era a mãe do Victor

que, entretanto, não dava acordo de si.

«Está a curtir a última» — acrescentavam as mesmas.

A força de tanto bater, de tanto chamar, ela respondeu que não abria, que a deixassem em paz.

«Ó mulher, olha que está aqui o sr. abade que vem buscar o teu Victor!» — insistiam as vizinhas.

Que não e não e não abria. Sempre abriu. A teimosia vence.

Dentro do barraco a imundície e o desleixo condiziam com o portal. Ela levantou-se sonolenta, pouco conscienciosa, morosa em perceber do que se tratava. Um farrapo humano!

Trinta e poucos anos que poderiam ser viçosos e não são. Preguiçosa, viciada, só o vinho conta. O vinho e o dinheiro para ele... pelo preço que é fácil de imaginar. Como é possível, que ali, um comércio de carne humana tenha compradores?!

Eu ia pelo Victor. Conhecedor da sua história, quis vê-la à evidência. Mas trouxe comigo o incompleto da nossa acção. Mais do que o pequeno, precisa a mãe de ser internada: primeiro para um tratamento profundo de desalcoo-lização; depois, como não terá capacidade para resistir à tentação e ao peso-morto do hábito, em qualquer estabelecimento adequado, que talvez nem haja, ou quase não há.

O decorrer da conversa levou-a ao sentimento: «Ai quem

me dera também quem me levasse a mim!» Os circunstantes eram todos testemunhas. E todos nos compenetrámos de que era necessário fazer algo por ela; aliás, é só questão de tempo e teremos outros Victores.

Dali descemos a Matosinhos. Nem foi preciso esperar pelo médico para a alta. O Victor já a tinha há muitos dias, mas o médico não a proferira oficialmente, sabedor como era de que o pequeno não podia voltar ao barraco. Nem ele queria já largar o Hospital. Não que «vale mais um pássaro na mão...» e ali ele já sabia com que contava!

Foi, pois, entre lágrimas que o Victor veio, mas confortado pela garantia do seu «anjo da guarda», de que não voltava para o barraco, mas vinha para uma Casa onde teria muitos meninos para brincar.

Veio. As lágrimas secaram. Quando se lhe fala no barraco e na mãe, grita que não e não, que não quer ir. Parece normal. Só que esfomeado de afecto e de atenção.

Como sentimos não termos mais para lhe dar!

Padre Carlos

UMA CARTA

«Peço desculpa de só agora enviar o pagamento da minha assinatura do nosso querido «O GAIATO», que já devia ter satisfeito em Novembro.

Sou uma pobre viúva de quase 70 anos e era minha vontade enviar muito mais, nesta quadra festiva, mas a vida vai muito, muito má para os Pobres, como bem sabem. Só recebo um subsídio de 823\$00, pois que o meu falecido Marido era do Estado e descontava tanto dinheiro da fêria — e só recebo isso!

Por isso, mais uma vez, que me desculpem de só agora enviar e ser tão pouco. É o nosso dever. E ainda ficamos muito devedores, pois que as palavras que da vossa Obra vêm não se pagam por dinheiro nenhum. Leio sempre o nosso querido jornal de princípio ao fim e dou-o às pessoas, que vejo que também lêem. Tenho, porém, muito desgosto de os meus filhos não lhe darem a importância que ele merece...»

Aqui, Lisboa!

Cont. da PRIMEIRA pág.

tos do Garoto da Rua e o dever que nós temos de o defender.

Porque melhor não sei dizer, concludo, uma vez mais, com Pai Américo: «O Verbo fez-Se carne! Quem não bebe nesta fonte não mata a sede. Quem não olha para a criança a esta

luz não vê a Criança. Teiho notado que onde o humano af o divino. Quanto mais humanamente tratamos as crianças, maior número de mãos se levantam para o Céu. De onde se compreende que o miolo da verdadeira Religião é este: amor. Deus é Amor, verdade eterna.»

Padre Abraão



Gaiato

PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa